

RUÍNAS PEDAGÓGICAS: A IRONIA DE ESTAR AO LADO DA UFRRJ.

Iuri Luiz Da Penha Amorim (ciganoiuri@ufrj.br)

Eduarda Candeia Cardoso Guimarães (eduardacardosoguimaraes@gmail.com)

O presente trabalho propõe uma investigação visual e conceitual do contraste entre as ruínas do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente.) e o Instituto de Educação (juntamente do ICHS e o ICSA), utilizando como dispositivos centrais a fotografia artística, registros digitais colaborativos e narrativas coletivas extraídas das redes sociais. A partir da análise dos registros fotográficos publicados no Instagram e dos comentários que circulam em torno das imagens, a pesquisa explora a potência simbólica da ruína e abandono como “memória ativa” em diálogo com o tema central de justiça climática da RAIC/RAIDTec 2025. Neste contexto, entende-se a ruína não apenas como testemunho material do abandono institucional, mas como zona de contraste e conflito entre passado, presente e as utopias de futuro, ativando reflexões críticas sobre o investimento público(e a falta calculada dele), políticas de manutenção patrimonial e os sentidos de pertencimento produzidos no espaço universitário. Metodologicamente, a abordagem articula levantamento iconográfico com incursões in loco, entrevistas breves e análise participativa dos comentários digitais, tomando o espaço do campus como palimpsesto onde camadas de história, afetos e disputas visuais se entrelaçam. Os resultados esperados incluem a produção de registros fotográficos, uma cartografia dos discursos encontrados nos comentários online, além de reflexões teórico-poéticas sobre memória, justiça e invisibilidade, fora manifesta

que dentro da vontade popular dos cidadãos do município ainda existe um afeto e também necessidade de mais investimento em educação. A pesquisa propõe criar uma exposição visual e uma intervenção digital de memória, provocando a comunidade acadêmica a debater: Qual campus queremos preservar ? - qual a responsabilidade social dos sujeitos que interagem com aquele espaço tem ? — o que resiste ao abandono ou o que cresce sobre ele? O resgate da memória local torna-se parte fundamental da promoção da justiça climática, ao demonstrar que a sustentabilidade passa por reabilitar espaços esquecidos e investir de modo equitativo em educação, infraestrutura e cultura. A ruína, olhada de perto, ressignifica-se como convite ético à reparação, contra o risco do esquecimento institucionalizado. Espera-se, assim, contribuir para a ampliação do debate sobre políticas públicas de memória, a necessidade de se investir corretamente na educação pública de maneira que seja a longo prazo, investimento sustentável e engajamento comunitário, utilizando a linguagem visual contemporânea como ferramenta de mobilização e de denúncia sutil, mas contundente, expandindo o debate a horizontes para além dos municípios mais que também escancara da contradição e a , das desigualdades persistentes nos territórios universitários.

Palavras-chave: memória; abandono público; justiça climática; caic; narrativa visual.